

EDIÇÃO EXTRA

REVISTA DE SEGUROS

ÓRGÃO OFICIAL DA FENASEG

ANO 88 SETEMBRO 2007

**[DOCUMENTO
ESPECIAL]**

4ª CONSEGURO

**Encontro maior do Mercado Brasileiro
de Seguros, Resseguros, Previdência Privada,
Saúde Suplementar e Capitalização**

PALESTRAS: • *Ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão, Paulo Bernardo Silva*
• *Presidente do Banco Central, Henrique Meirelles* • *Superintendente da Susep,
Armando Vergílio* • *Secretário da Fazenda/RJ, Joaquim Levy*

PAINÉIS: • *Insegurança nas Grandes Cidades* • *Microseguro* • *Seguro Rural*
• *Mercado de Capitais* • *Mudanças Demográficas* • *Saúde Suplementar* • *Resseguro*
• *Compartilhamento de Serviços* • *Rendas Vitalícias* • *Gestão* • *Riscos Ambientais*

Impactos do aquecimento global no Brasil

Pesquisadores já falam com grande convicção da ocorrência de fenômenos climáticos extremos como furacões e trombas d'água. O aquecimento já encurta o ciclo da incidência de tempestades tropicais

Valdir Sanches

Um furacão nas costas brasileiras, como o Catarina, que em 2004 causou mortes e destruição no sul, foi uma novidade – mas não exatamente uma surpresa. O que os cientistas chamam de fenômenos climáticos extremos são uma consequência previsível diante do aquecimento global. Neste rol estão incluídas as inundações que, em 2002, assolaram a Europa e também a seca nos Estados Unidos.

O professor Tércio Ambrizzi, da Universidade de São Paulo (USP), citou estes exemplos ao abrir as palestras do painel "Riscos Ambientais no Brasil – Mudanças Climáticas que Afetam a Indústria do Seguro". Coordenador do Grupo de Estudos Climáticos do Departamento de Ciências Atmosféricas da USP, ele disse que não há a menor dúvida: o que aquece a atmosfera são os gases produzidos pela atividade humana – especialmente o dióxido de carbono (CO₂), resultante da queima de combustíveis fósseis, como petróleo e carvão. "Ao longo dos últimos anos, o aumento da concentração desses

gases, em função da industrialização, tem causado o aumento da temperatura".

Tércio Ambrizzi diz que os fenômenos extremos, como furacões e secas, são uma resposta da atmosfera a este aumento da temperatura. Também o globo todo está mais quente – a temperatura média pode variar de 1° a 2° em uma região, e de 6° a 8° em outra.

No Brasil, já foram registrados dias e madrugadas mais quentes. A distribuição das chuvas passou a ser mais irregular: demora para chover e, quando chove, acontece uma precipitação forte, concentrada.

O tecnologista e pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) Marcos Sanches, que falou depois de Tércio Ambrizzi, acrescentou outro dado: a estiagem se estende pela primavera, e os invernos são mais curtos. Com isso, cresce o número de queimadas – o que traz problemas para a agricultura. Em áreas do Nordeste pode ocorrer a desertificação de terras. No Sudeste, a lavoura do café pode tornar-se impraticável. Ele de-



monstrou preocupação com a possibilidade de culturas expulsas pela seca, como a soja, mudarem-se para o Norte e aumentarem o desmatamento da Amazônia. Falou da complexidade do sistema climático.

O ambientalista, ex-secretário de Meio Ambiente do Estado de São Paulo e ex-deputado federal (PSDB) Fábio Feldmann disse, na sequência, que a confirmação dos problemas ambientais surgiu na década de 1980. "Até então, falava-se do planeta como poesia". Naqueles anos, as fotos de satélite mostraram que algo estava errado na camada de ozônio.

Mas a Humanidade, informou,



Fábio Feldmann



Painel: "Riscos Ambientais no Brasil – Mudanças climáticas que afetam a indústria do seguro" - **Palestrantes:** 4 Tércio Ambrizzi, USP; 5 Marcos Sanches, INPE; 6 Fábio Feldmann, ambientalista - **Debatedores:** 2 Antonio Penteado Mendonça, jornalista; 1 Walter Polido, diretor da Münchener do Brasil - **Coordenador:** 3 Acácio Rosa Queiroz Filho, presidente da Chubb do Brasil

só tomou conhecimento do aquecimento global em 1990, quando o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC, da sigla em inglês) divulgou seu primeiro relatório. Para mostrar a gravidade da situação, comparou o estudo com as metas estabelecidas pelo Protocolo de Kyoto, assinado por 84 países, em 1997, que prevê a redução, entre 2008 e 2012, de 5,2% da emissão de poluentes na atmosfera. "O IPCC estabelece que a redução dos poluentes seja de 60% em todo o mundo".

Outro fato marcante, disse Fábio Feldmann, ocorreu no ano passado. O economista britânico Nicholas Stern, ex-chefe do Banco Mundial, divulgou um relatório sobre os custos para a economia global, se não forem tomadas providências: poderiam chegar a US\$ 7 trilhões. "Desta vez, não eram ambientalistas falando, mas o ex-chefe do Banco Mundial".

Fábio Feldman acha que os Estados Unidos vão assumir compromissos para a redução dos poluentes, mas não assinando o Protocolo de Kyoto, do qual ainda não são signatários, mas por leis que tramitam no Congresso Nacional. E diz que o Brasil há de ter capacidade para promover uma aliança política pela redução do desmatamento na Amazônia.

O jornalista Antonio Penteado Mendonça, debatedor no evento, contou que há alguns anos uma operação de emergência colocou sacos de areia sobre a barragem da Represa de Guarapiranga, na Região Metropolitana de São Paulo, por que as chuvas ameaçavam com o extravasamento da barragem e isto poderia ter consequências terríveis. "Se houver uma chuva muito forte, a barragem pode não agüentar. Se isso acontecer, a cidade de São Paulo ficará inundada".

Walter Polido, diretor da Münchener do Brasil, contou que sua empresa e outros resseguradores promoveram um encontro para incentivar a adoção de novas tecnologias sustentáveis. "O mercado europeu de seguro e resseguro, onde estão concentradas as maiores resseguradoras do mundo, já amarga valores extremamente elevados com as catástrofes naturais".

Principalmente na Inglaterra, disse ele, essas empresas percebem que têm de investir em prevenção, ajudar os governos e adotar novas tecnologias como medida de prevenção para a saúde financeira delas próprias. No Brasil, afirmou Walter Polido, algumas seguradoras já procuram produtos ou projetos de energia sustentável para incentivar.

Ao encerrar a palestra, o coordenador da mesa, Acácio Rosa Queiroz Filho, presidente da Chubb do Brasil, falou da importância da conscientização da sociedade diante da gravidade dos acontecimentos. E propôs a criação de uma comissão para aprofundar os estudos sobre o tema relacionados ao seguro. ▲